

**A INDÚSTRIA FOI EMBORA, E AGORA?  
Discussões e experiências sobre as áreas industriais ociosas  
no Grande ABC Paulista, 1989-2019**

***THE INDUSTRY WAS GONE AWAY, WHAT NOW?  
Discussions and experiences on industrial void areas in the Great ABC  
Paulista, 1989-2019***

**A. Gisele Yamauchi & B. Andréa de Oliveira Tourinho**

*PGAUR-USJT, Universidade São Judas Tadeu, Brasil.*

*giseleyamauchi@yahoo.com.br*

*prof.atourinho@usjt.br*

## RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar as discussões e experiências sobre as áreas industriais ociosas decorrentes do processo de reestruturação industrial, nos últimos trinta anos, na Região do Grande ABC Paulista, situada na área metropolitana de São Paulo, e composta por sete municípios. Durante a década de 1990, atores locais, regionais e profissionais internacionais buscaram discutir ações e projetos para essas áreas industriais sem atividade. Discussões que se expressaram na criação de novos órgãos de gestão, que buscavam promover o crescimento sustentável da Região. Foi realizada pesquisa que apontou uma reconfiguração das características dessas áreas entre o período de 1989 e 2019, verificando-se o desconhecimento da nova situação e a falta de discussão mais recente sobre a problemática. No século XXI, a situação é mais grave, pois o problema continua atual, mas há um enfraquecimento da discussão nas esferas municipais e regional, sendo um dos maiores desafios a ser vencido pela Região.

**Palavras-chave:** Reestruturação produtiva, áreas industriais ociosas, Região do Grande ABC, gestão urbana.

**Linha de Investigação:** 1. Cidade e projeto.

**Tópico:** Planejamento, políticas e governança.

## ABSTRACT

This work aims to present the discussions and experiences about the industrial void areas resulting from the industrial restructuring process, in the last thirty years, in the Greater ABC Region composed of seven municipalities and located in São Paulo Metropolitan Area. During the 1990s, national and international professionals sought to discuss actions and projects for these industrial void areas. Discussions were expressed in the creation of new management bodies, which sought to promote sustainable growth in the Region. The research pointed out a reconfiguration of the characteristics of these areas between 1989 and 2019. There is a lack of knowledge and an absence of recent discussions about the new situation. In the 21st

century, the situation is more serious, as the problem remains current, but there is a weakening of the discussion at the municipal and regional levels, being one of the greatest challenges to be overcome by the Region.

**Keywords:** Productive restructuring, industrial voids areas, Greater ABC Region, urban management.

**Research line:** 1. City and project.

**Topic:** Planning, Policies and Governance.

## Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar as discussões e experiências sobre as áreas industriais ociosas decorrentes do processo de reestruturação industrial na Região do Grande ABC Paulista, situada na Região Metropolitana de São Paulo. Esta importante região industrial é composta pelos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. O referido processo levou à saída de muitas empresas na Região do Grande ABC nos últimos trinta anos. Contudo, a problemática adquiriu novas nuances e intensificou-se, como será mostrado, neste trabalho. Ainda assim, a dimensão do problema é desconhecida pelos atores sociais da Região e as discussões diminuíram. Durante a década de 1990, os atores locais, regionais e profissionais internacionais buscaram discutir ações e projetos para essas áreas industriais sem atividade: desde novos empreendimentos, manutenção das indústrias na região e, ainda, constituição de novas centralidades econômicas na escala municipal e regional. Essas discussões se expressaram, também, na criação de novos órgãos de gestão: a Câmara Regional, o Consórcio Intermunicipal, a Agência de Desenvolvimento Econômico do Grande ABC, que buscavam promover o crescimento econômico, social e sustentável da Região. No século XXI, a situação é mais grave, pois há um enfraquecimento da discussão na esfera regional e a diminuição do protagonismo da Agência de Desenvolvimento Econômico do ABC.

A hipótese de trabalho é a de que velhas e novas questões estão presentes na Região, reproduzindo as ideias anteriores, mesmo com os novos nuances da questão. O trabalho parte do pressuposto de que os conflitos de interesse, a não inclusão da sociedade civil nos debates e o ciclo eleitoral exerceram um grande impacto na discussão sobre a problemática, prejudicando os estudos e a implantação de novas soluções para essas áreas. Pretende-se resgatar os marcos do debate sobre o assunto, mostrando o estado da arte desse debate sobre as áreas industriais sem atividade que ainda fazem parte da paisagem urbana dos sete municípios, verificando-se que, ainda nas duas primeiras décadas do século XXI, os projetos de intervenção urbana continuam seguindo a lógica do consumo e da especulação imobiliária da década de 1990.

Como procedimento metodológico, utiliza-se a pesquisa bibliográfica, de caráter histórico, bem como os dados da pesquisa em andamento, desde 2018, sobre as áreas industriais ociosas na Região do Grande ABC, que contou com levantamentos de campo e entrevistas com os técnicos e gestores dos sete municípios. Entre as mais de 300 áreas antes industriais, e agora disponíveis para venda ou locação no mercado, não estão apenas grandes áreas a partir de 30.000 m<sup>2</sup>, como no início, mas também pequenas (entre 4.000 m<sup>2</sup> - 6.999 m<sup>2</sup>), médias (entre 7.000 m<sup>2</sup> - 9.999 m<sup>2</sup>) e novas grandes áreas (a partir de 10.000 m<sup>2</sup>), bem como antigas áreas que permanecem sem solução desde a década de 1990. Considerando essas diferentes dimensões das áreas industriais ociosas na Região do Grande ABC, este trabalho busca refletir sobre as seguintes questões: como andam os debates sobre essa problemática na atualidade? Quais são as experiências (projeto, ações) realizadas nessas áreas?

## 1. Os marcos do debate sobre o problema das áreas industriais ociosas

Desde o seu surgimento, as cidades industriais passaram por várias transformações, decorrentes das mudanças nos modos de produção. Nas últimas décadas, a partir de uma série de transformações políticas e econômicas, o estado de bem-estar social (*Welfare State*), o sistema de produção fordista e o modelo hegemônico unipolar norte-americano, que foram as bases de reconstrução do Pós-Segunda Guerra Mundial, passaram a ser colocados em xeque a partir dos anos 1970 (Hobsbawm, 2015).

Muitos autores apontam este momento como a passagem de uma sociedade industrial para uma era da informação e do conhecimento, iniciada pela terceira revolução industrial devida à globalização, aos avanços científicos e tecnológicos nas telecomunicações, informática e transportes (Hobsbawm, 2015). No contexto urbano, para as cidades industriais, que já acumulavam problemas não resolvidos da intensa urbanização de décadas anteriores, a transição do modelo industrial para a sociedade do conhecimento, traduziu-se na intensificação de processos excludentes de produção do espaço (Archer, 2010).

Essas mudanças implicaram no fortalecimento das ideias neoliberais, levando a uma série de alterações nos modelos de gestão pública e privada. Na gestão pública, o mote passa a ser o de diminuição da participação do Estado em todas as esferas da gestão pública. Na gestão privada, houve mudanças na estratégia das empresas, o que levou a uma reestruturação produtiva, seja no desenho de novos produtos, na estrutura do processo produtivo, nos modelos de relações de trabalho e, mesmo, na ocupação territorial fabril. A transferência de linhas de produção para países que ofereciam menores custos de produção (principalmente o de mão-de-obra) provocou a saída de empresas das cidades, e, como resultado, o surgimento das áreas industriais ociosas (em inglês, *Industrial Void Areas*; em francês, *Friches Industrielles*) em várias cidades, como em Detroit, Bordeaux, cidades do Vale do Ruhr na Alemanha, entre outras (Conceição, 2006; Archer, 2010; Hobsbawm, 2015).

No Brasil, o fenômeno das áreas industriais ociosas surgiu na década de 1990 com a reestruturação industrial, levando à transferência de linhas de produção de suas localidades originais para outros estados ou países e o fechamento de fábricas. Desde então, a Região do Grande ABC sofre com essa problemática, pendente de soluções sustentáveis, cujo sucesso depende de ações concertadas entre os vários agentes sociais da região.

O processo de industrialização da Região do Grande ABC ocorreu a partir de 1890, com o surgimento de empresas do setor de vestuário e alimentos, entre outros, em galpões ao longo da linha férrea. No período de 1955 a 1989, a Região concentrou investimentos, principalmente de capital estrangeiro do setor automotivo e químico, ao longo de rodovias, transformando-se no maior *cluster* industrial da América Latina.

A partir de 1990, ocorreram mudanças, marcadas pela reestruturação industrial, a globalização, a financeirização da economia, o neoliberalismo, bem como dificuldades econômicas internas que deflagraram o processo de saída das indústrias do Grande ABC, levando ao surgimento das áreas industriais ociosas. Moro Júnior (2007) e Teixeira (2010) afirmam que as respostas que têm sido dadas ao problema, em geral, são pontuais e atendem à lógica da especulação imobiliária e do consumo, havendo a transformação de grandes galpões fabris em shoppings, hipermercados e até mesmo igrejas. Essa lógica prevaleceu inclusive nos projetos públicos, que se afastaram de propósitos mais amplos considerados inicialmente, devido à crise econômica que assolava o país, bem como à instalação do modelo político e econômico neoliberal no país nas últimas décadas. A *Fig. 1* mostra a expansão da industrialização e a desconcentração industrial na Região do Grande ABC Paulista a partir do ano de 1890 até 1997.

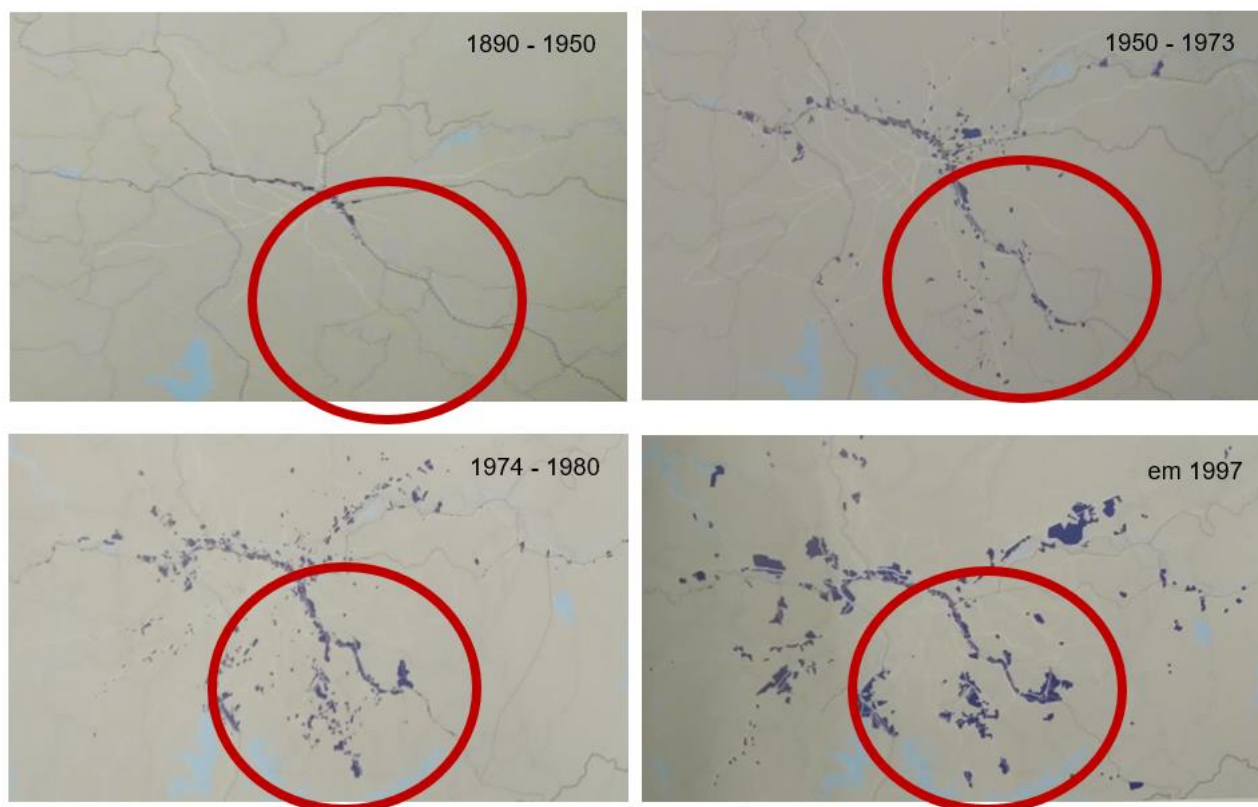


Fig. 1. Expansão e desconcentração industrial na Região do Grande ABC entre 1890 e 1997.

Fonte: (Meyer, Grostein, Biderman, 2004: p.166-167).

Embora a Região tenha passado por um processo de revitalização econômica durante o período compreendido entre 2003 e 2014, a problemática das áreas industriais ociosas permaneceu como parte da paisagem urbana e social, e se constitui, ainda hoje, como um grande desafio a ser enfrentado pelos atores locais na busca de soluções para a Região.

## 2. As discussões e experiências nas áreas industriais ociosas na Região do Grande ABC entre 1990 e 2006

Diante do problema comum da saída das empresas, os prefeitos de todos os municípios da Região do Grande ABC, sob a iniciativa do prefeito andreense Celso Daniel, discutiram as formas de como convencer as empresas a permanecerem na Região. A década de 1990 foi um dos períodos mais draconianos para a Região, conforme pode ser visto na *Tab. 1*:

Tamanho do estabelecimento por nº de empregados	Total de estabelecimentos industriais no Grande ABC, por tamanho, no período entre 1989 - 1999				
	1989	1990	1994	1996	1999
de 1 a 4 empregados	1351	1600	1732	1873	1808
de 5 a 9 empregados	661	694	732	800	802
de 10 a 19 empregados	584	587	668	706	786
de 20 a 49 empregados	592	611	578	595	597
de 50 a 99 empregados	385	341	286	288	262
de 100 a 249 empregados	329	279	288	236	177
de 250 a 499 empregados	144	123	99	89	76
de 500 a 999 empregados	70	59	52	42	30
1000 ou mais empregados	50	38	34	25	14
<b>Total</b>	<b>4166</b>	<b>4332</b>	<b>4469</b>	<b>4654</b>	<b>4552</b>

Tab. 1. Total de Estabelecimentos Industriais no Grande ABC, por tamanho, no período entre 1989 – 1999. Fonte: Elaborado própria, a partir de informações da RAIS, Ministério da Economia, 2019.

Os grandes galpões degradados e abandonados (a maioria com área a partir de 30.000 m<sup>2</sup>) passaram a fazer parte da paisagem urbana das cidades da Região. Essas áreas industriais ociosas passaram a ser objeto de debate, em que foram discutidas várias soluções: reutilização do espaço ou galpão por outra indústria, obras de intervenção urbana no local com outro tipo de uso (como, por exemplo, comércio, serviços e habitação) ou a criação de áreas culturais, de lazer e de equipamentos turísticos (Klink, 2001; Conceição, 2006).

Em maio de 1997 foi realizado um Seminário Internacional, em que os atores sociais da região e profissionais renomados do Brasil e do exterior discutiram novas soluções para essas áreas industriais ociosas (Tourinho & Yamauchi, 2019). No encontro, foram citados vários exemplos, como a cidade de Detroit, Bordeaux, Roterdã, Leipzig, Região da Galícia na Espanha, Região do Norte da Inglaterra. A partir dessas ideias que foram discutidas intensamente na década de 1990, foi concebido o Projeto Eixo Tamanduatehy, que procurava atrelar projetos considerando os diferentes interesses, incluindo projetos de cunho social. Entretanto, Moro Júnior (2007) afirma que o sucesso dos projetos executados na cidade de Barcelona, e sobretudo a visita do arquiteto catalão Jordi Borja ao Brasil em 1998, acabou influenciando os projetos de intervenção urbana. O país passava por problemas econômicos, sobretudo, queda da arrecadação fiscal. Como as políticas neoliberais começaram a ser implantadas no âmbito da gestão pública, as ações planejadas para o Projeto Eixo Tamanduatehy tiveram que ser repensadas. Segundo Teixeira (2010), os projetos passaram a ter maior visibilidade para o mercado de consumo e imobiliário. Na *Tab. 2* constata-se, de fato, que a maioria dos projetos está voltada para a lógica de mercado, sendo poucos voltados para uma ação social ampla.

Projeto	Descrição	Local	Início	Fim	Terreno (m <sup>2</sup> )	Edificação (m <sup>2</sup> )
Conjunto Residencial Ibatiba – 900 UH	Conjunto residencial de renda média	Av. Utinga	2000	2004	50.400	55.000
Campus UniABC	Execução de viário	Av. Industrial	1997	2000	32.300	77.000
Praça Samuel de Castro Neves	Reurbanização de praça	Av. dos Estados	2001	2001	11.900	-
TERSA	Implantação de rodoviária	Av. Industrial	1997	2000	25.200	20.000
Strong/FGV	Escola de Pós-Graduação	Av. Industrial	2000	2001	3.000	2.500
Vigorito	Concessionária de veículos	Av. Industrial	2001	2003	21.600	4.600
Casa de show Status	Equipamento artístico cultural	Av. dos Estados	2004	2004	8.700	3.200
Hotel Ibis e Mercure	Conjunto hoteleiro	Av. Industrial	1998	2003	5.400	16.500
Ampliação do Parque Celso Daniel	Incremento de área verde	Av. Industrial	1999	2000	3.600	-
Shopping ABC Plaza	Novo viário implantado	Av. Industrial	1996	1997	96.000	54.200
Supermercado Carrefour	Execução de área verde e de lazer	Av. dos Estados	2001	2003	43.000	15.000
Supermercado Pão de Açúcar II	Área verde sob o viaduto 18 do Forte	Av. dos Estados	2003	2003	43.350	-
Rhodia Têxtil	Implantação de equipamento industrial	Av. dos Estados	2000	2002	-	-
SEST / SENAT	Complexo voltado para os trabalhadores dos transportes	Rua Vereador José Nanci	1998	2002	58.000	4.600
Cond. Ind. Franchini	Execução de viário	Rua Ângelo Franchini	1999	2004	15.186	8.855
CODEMA	Concessionária	Av. dos Estados	2004	2005	5.200	1.700
Makro	Loja atacadista	Av. dos Estados	2003	2005	20.000	8.000
Auto Shopping Global	Execução de viário	Av. dos Estados	1999	2000	70.000	50.300
Cidade Pirelli – Fase II	Sede tecnológica da TIM	R. Alexandre de Gusmão	2005	2005	59.000	42.000
Cidade Pirelli – Fase I	Praça, escola e duplicação da Av. Giovanni B. Pirelli	Av. Giovanni B. Pirelli	1998	2000	26.629	1.375
Urbanização da Favela Capuava	Urbanização da favela 1.400 famílias	Av. dos Estados	1998	2006	100.000	-
Resultados	Total				703.465	364.830
	Área do Projeto Eixo Tamanduatehy				12.130.827,25 m <sup>2</sup>	5,80%
	Áreas subutilizadas e livres no Eixo				3.835.029,54 m <sup>2</sup>	18,34%

Tab. 2. Empreendimentos e Intervenções Urbanas na Área do Eixo Tamanduatehy 1997-2006. Fonte: (Sakata, 2009).

Como se pode observar, a maioria das áreas industriais ociosas são superiores a 30.000 m<sup>2</sup> - totalizando nove grandes áreas. Esses dados levam aos seguintes questionamentos, que serão discutidos neste

trabalho: o número de grandes galpões industriais ociosos (a partir de 30.000 m<sup>2</sup>) continua a fazer parte do cenário urbano ou o problema mudou? Considerando os projetos executados entre o período de 1997 e 2006, será que a lógica dos projetos segue sendo aquela voltada ao mercado de consumo e imobiliário na Região do Grande ABC?

### 3. As áreas industriais ociosas na Região do Grande ABC a partir de 2006

O protagonismo exercido pelos atores sociais da Região do Grande ABC foi muito importante durante a década de 1990, pois muitas das áreas industriais ociosas no âmbito do Eixo Tamanduatehy passaram por intervenção urbana. Independente da crítica que possa ser feita a essas intervenções, é certo que essas ações contribuíram para o deslocamento de uma centralidade econômica da indústria de transformação para o setor de serviços na cidade de Santo André. Essas ações, sobretudo aquelas centradas no consumo e no mercado imobiliário, nas áreas industriais ociosas do Projeto Eixo Tamanduatehy, influenciaram os demais projetos realizados nas cidades da Região, como pode ser observado na *Tab. 3*:

Cidade	Áreas industriais	Projetos de intervenção urbana	Lógica da intervenção
Santo André	Áreas industriais ociosas ao longo do Eixo Tamanduatehy	Projeto Eixo Tamanduatehy (1998-2006). No lugar de vários galpões ociosos se instalaram centros comerciais, shopping, universidade, faculdade, estacionamentos e conjuntos habitacionais  O projeto não foi concluído.	Mercado de consumo e imobiliário, com contrapartida de obras sociais, pontuais, fora do Eixo.  Ainda há áreas industriais ociosas à espera de solução
São Bernardo do Campo	Antigo terreno das empresas Brasmotor, Dodge Fargo, Multibras, Brastemp	SBC Plaza Shopping (2012)	Mercado de consumo
	Antigo terreno da empresa Tecelagem Tognato S/A	Condomínio Residencial e <i>Business Domo</i> (2007-2019)	Especulação imobiliária, com obra de integração social de lazer "Parque das Bicicletas" (2019)
São Caetano do Sul	Antigo terreno da empresa Cerâmica São Caetano	Park Shopping São Caetano do Sul (2011)	Mercado de consumo e especulação imobiliária
Mauá	Antigo terreno da empresa Porcelana Schmidt	Parte do terreno é ocupado pelo Supermercado Roldão, uma parte se transformou num estacionamento de caminhões e a outra parte segue ainda sem ocupação (2019)	Mercado de consumo
	Antigo terreno da empresa Philips	Copafer (em obras) (2017)	Mercado de consumo
Ribeirão Pires	Antiga empresa Tecmafrig Máquinas e Equipamentos S/A	Supermercado Atacadista Açaí (2012)	Mercado de consumo
	Antiga empresa Ugimag do Brasil	Supermercado Atacadista Atacadão (2020)	Mercado de consumo

Tab. 3. Síntese das principais intervenções urbanas por cidade na Região do Grande ABC após o Projeto Eixo Tamanduatehy. Fonte: Elaboração própria, a partir de informações de pesquisa de campo e informações de Moro Júnior (2007); Sakata (2009); Moussa (2005); Ferreira (2013); Oliveira (2015); BrMalls (2019); Multiplan (2019).

Ao mesmo tempo em que essas obras foram executadas, a Região passou por um novo período de crescimento econômico e recebeu investimentos diante do cenário positivo no mercado nacional e internacional entre os anos de 2003 e 2011 (Conceição & Yamauchi, 2018). Entretanto, verificou-se, também, que as áreas industriais ociosas continuam fazendo parte da paisagem urbana das sete cidades. Algumas críticas sobre a lógica mercadológica e excludente foram apresentadas por Moro Júnior (2007), Teixeira (2010), entre outros autores, sobre o Projeto Eixo Tamanduatehy. A descontinuidade do projeto do Eixo aponta que há a necessidade da busca de novas soluções para essas áreas industriais ociosas.

Em face disso, Klink (2009, p. 30) defendeu, no final da década de 2000, novas formas de governança para a Região do Grande ABC, com base na experiência alemã dos projetos e acordos regionais que foram executados no Vale do Ruhr, região que também passou pelo processo de saída e fechamento de indústrias, levando à formação de áreas industriais ociosas. No caso internacional, os projetos foram realizados sob a governança multinível, com a Câmara Regional e outros atores de diversas instâncias, formando um pacto social e político em prol da revitalização da região.

Ainda que alguns estudiosos tenham chamado atenção sobre o problema nos últimos anos, observa-se que a discussão na Região, por amplos setores da sociedade, inclusive do poder público, perdeu fôlego a partir dos anos 2000. Paradoxalmente, em termos quantitativos, pode-se observar, pelas *Tab. 4 e 5*, que a problemática das áreas industriais ociosas na Região do Grande ABC aumentou.

Tamanho do estabelecimento por nº de empregados	Total de estabelecimentos industriais no Grande ABC, por tamanho, no período entre 2002 - 2017							
	2002	2005	2008	2011	2014	2015	2016	2017
0 empregado	267	266	316	339	361	415	416	388
de 1 a 4 empregados	1535	1626	1776	1943	2126	2140	2193	2148
de 5 a 9 empregados	914	983	1102	1155	1140	1163	1091	1089
de 10 a 19 empregados	919	1013	1136	1121	1124	1102	1084	1053
de 20 a 49 empregados	717	776	916	999	908	858	773	745
de 50 a 99 empregados	306	368	424	415	366	341	303	287
de 100 a 249 empregados	180	205	243	247	235	214	183	194
de 250 a 499 empregados	74	97	99	94	86	71	71	61
de 500 a 999 empregados	33	38	45	43	35	34	31	31
1000 ou mais empregados	17	21	28	28	25	21	19	17
<b>Total</b>	<b>4962</b>	<b>5393</b>	<b>6085</b>	<b>6384</b>	<b>6406</b>	<b>6359</b>	<b>6164</b>	<b>6013</b>

Tab. 4. Total de Estabelecimentos Industriais no Grande ABC, por tamanho, no período entre 2002-2017. Fonte: Elaboração própria, a partir das informações do CAGED, Ministério da Economia, 2019.

Na *Fig. 2*, quando comparada com a *Fig. 1*, é possível observar na Região do Grande ABC Paulista os efeitos da reestruturação produtiva, principalmente na fragmentação dos estabelecimentos industriais, no



sentido da desconcentração espacial, bem como do aumento de estabelecimentos com menos empregados (Tab. 4 e 5).<sup>1</sup>

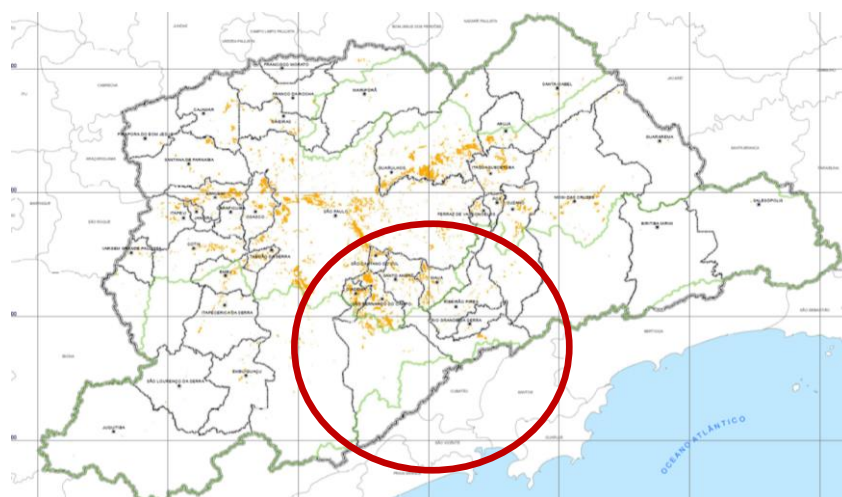


Fig. 2. Uso e ocupação do solo da Região Metropolitana de São Paulo, com destaque para o Grande ABC em 2006.

Fonte: (Emplasa, 2006: p. 17).

Na Tab. 4 é possível observar os efeitos positivos dos novos investimentos na Região entre o período de 2002 a 2011 e os efeitos negativos a partir do ano de 2012. Junto a esses últimos, nota-se, na Tab. 5, que os períodos compreendidos entre os anos de 1996 a 1999 e entre 2014 a 2018 foram intensos em relação ao fechamento de indústrias no Grande ABC, elevando o número de galpões industriais ociosos na Região.

Tamanho por nº empregados	Saldo de 1989-1988	Saldo de 1990-1989	Saldo de 1994-1990	Saldo de 1996-1994	Saldo de 1999-1996	Saldo de 2002-1999	Saldo de 2005-2002	Saldo de 2008-2005	Saldo de 2011-2008	Saldo de 2014-2011	Saldo de 2015-2014	Saldo de 2016-2015	Saldo de 2017-2016	Saldo de 2018-2017
0 empregado	-	-	-	-	-	-	-1	50	23	22	54	1	-28	40
de 1 a 4 empreg.	401	249	132	141	-65	-273	91	150	167	183	14	53	-45	-14
de 5 a 9 empreg.	26	33	38	68	2	112	69	119	53	-15	23	-72	-2	13
de 10 a 19 empreg.	-19	3	81	38	80	133	94	123	-15	3	-22	-18	-31	-36
de 20 a 49 empreg.	29	19	-33	17	2	120	59	140	83	-91	-50	-85	-28	1
de 50 a 99 empreg.	-8	-44	-55	2	-26	44	62	56	-9	-49	-25	-38	-16	9
de 100 a 249 empreg.	15	-50	9	-52	-59	3	25	38	4	-12	-21	-31	11	-25
de 250 a 499	5	-21	-24	-10	-13	-2	23	2	-5	-8	-15	0	-10	1

<sup>1</sup> Infelizmente, não encontramos levantamentos de uso do solo da Região do Grande ABC, após o ano 2012, quando os efeitos negativos da crise econômica, acima referida, se intensificam. Mesmo mapas elaborados mais recentemente utilizam dados até 2010.

empreg.															
de 500 a 999 empreg.	4	-11	-7	-10	-12	3	5	7	-2	-8	-1	-3	0	3	
1000 ou mais empreg.	1	-12	-4	-9	-11	3	4	7	0	-3	-4	-2	-2	0	
<b>Total</b>	<b>218</b>	<b>166</b>	<b>137</b>	<b>185</b>	<b>-102</b>	<b>410</b>	<b>431</b>	<b>692</b>	<b>299</b>	<b>22</b>	<b>-47</b>	<b>-195</b>	<b>-151</b>	<b>-8</b>	

Tab. 5. Saldo dos estabelecimentos industriais na Região do Grande ABC, por número de empregados, 1988-2018. Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da RAIS/CAGED do Ministério da Economia (antigo Ministério do Trabalho e Emprego) entre os anos de 1988 e 2018.

Esses dados e a falta de informação nas prefeituras dos municípios do Grande ABC ensejaram a necessidade da realização de pesquisa que identificasse e dimensionasse as áreas industriais hoje ociosas na Região. Dessa forma, realizou-se pesquisa em imobiliárias *online* e de levantamento de campo dos imóveis antes industriais, incluindo as áreas subutilizadas, disponíveis para locação ou venda em 2019, em cada município, mostrando o resultado total da *Tab. 6*.

Galpão, Depósitos e Armazéns	entre 5000 e 9999 m <sup>2</sup>	a partir de 10000 m <sup>2</sup>
<b>TOTAL DO GRANDE ABC</b>	<b>197</b>	<b>111</b>

Tab. 6. Quantidade de galpões, depósitos e armazéns ociosos, por porte, no Grande ABC em 2019. Fonte: Elaboração própria, a partir de dados do Zap Imóveis, VivaReal Imóveis, Ballarin Imóveis, Costa Nascimento Imóveis, RD Imóveis Imóveis, Paulo Bio Imóveis, Invictus Imóveis, Sanca Imóveis, entre outras imobiliárias *online* e pesquisa de campo (2019).

A referida pesquisa revelou que houve uma reconfiguração do porte dessas áreas industriais ociosas na Região do Grande ABC. Isto é, além de grandes áreas industriais ociosas (a partir de 10.000 m<sup>2</sup>) ainda presentes nos municípios, ocorreu uma fragmentação dessas no território, pois houve a ampliação do número de áreas industriais ociosas, e o fato de que, agora, são, em sua maioria, de pequeno e médio porte (entre 5.000 m<sup>2</sup> e 9.999 m<sup>2</sup>). Além disso, foi encontrado um número expressivo de grandes galpões a partir de 10.000 m<sup>2</sup> e ainda existem áreas que permanecem à espera de uma solução desde a década de 1990, totalizando, atualmente, cerca de 300 áreas ociosas nos sete municípios do Grande ABC.

Contudo, mesmo diante desse panorama, o debate na Região tem sido escasso. Entre os anos de 2017 e 2018, Tourinho e Yamauchi (2019) indicam a ocorrência de dois eventos pontuais sobre o desenvolvimento da Região do Grande ABC. O primeiro deles, o “*Multilevel Governance* em prol do desenvolvimento regional sustentável nas aglomerações urbanas do Ruhr e do ABC Paulista”, realizado pelo Centro Alemão de Ciência e Inovação, Universidade Federal do ABC e Aliança das Universidades do Ruhr que debateram diversos temas. O segundo, o Seminário “Arquitetura e Cidade: desenvolvimento sustentável e qualidade do espaço público no Grande ABC”, realizado pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul, focou várias temáticas sobre o planejamento territorial regional. Em ambos eventos, houve apenas uma pequena menção sobre o problema.

Na esfera regional, observa-se um enfraquecimento nas discussões regionais: Diadema saiu do Consórcio Intermunicipal do ABC e os municípios de São Caetano do Sul e Rio Grande da Serra votaram também a favor da saída; houve uma diminuição do protagonismo da Agência de Desenvolvimento Econômico do ABC.

Nas esferas municipais, constata-se, pela análise dos planos diretores das sete cidades da Região (Lei nº 9.394/12 de Santo André, Lei nº 6384/11 e 6374/14 de São Bernardo do Campo, Lei nº 5.374/15 de São Caetano do Sul, Lei complementar nº 273 e nº 83/07 de Diadema, Lei nº 4153/07 de Mauá, Lei nº 5907/14 e nº 5779/13 de Ribeirão Pires e a Proposta de Rio Grande da Serra), que nenhum deles contempla ações específicas e estratégicas diante da gravidade do problema.

Esse “esquecimento” da problemática, nos últimos anos, suscita a pergunta sobre o conhecimento, pelos atores sociais da Região, da situação presente da questão. Para aferir o conhecimento do problema pelos atores sociais, foi realizada pesquisa que entrevistou técnicos e gestores das administrações públicas municipais das sete cidades, representantes do Consórcio Intermunicipal e do setor empresarial – do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, de Santo André (CIESP) -, bem como um representante sindical, do Instituto Trabalho Indústria e Desenvolvimento (TiD-Brasil). As entrevistas revelaram que há um desconhecimento da realidade sobre as áreas industriais ociosas pelos atores da Região, não havendo nenhum levantamento preciso sobre elas.

#### **4. Considerações Finais**

Sob a égide das ideias neoliberais, as respostas dadas pelas políticas públicas na Região do Grande ABC Paulista permanecem as mesmas, centradas no mercado de consumo e nas demandas do mercado imobiliário. Esse cenário desfavorável é acentuado pelo desconhecimento da dimensão do problema pelos atores sociais da Região, o que não possibilita a percepção de que esses galpões industriais ociosos demandam maior análise, planejamento, respostas e ações mais complexas.

Ressalta-se, ainda, que há uma tendência de piora da situação das áreas industriais ociosas, considerando-se os seguintes aspectos: 1) o país atravessa um período de crise econômica, que demandará tempo para recuperação; 2) a pauta da indústria está fora do planejamento estratégico da atual gestão do governo federal, cujos efeitos acabam rebatendo no planejamento estratégico da Região do Grande ABC; 3) há um grande descolamento tecnológico da Região do Grande ABC no âmbito das cadeias globais de valor dos países desenvolvidos; 4) os principais setores industriais presentes na Região são o automotivo e o químico, os quais passam por grandes transformações de ordem mundial no momento, que podem se traduzir em novas mudanças nas empresas presentes na Região; 5) houve uma mudança no perfil dos empregos da Região do setor da indústria para o setor de serviços, traduzindo-se numa diminuição de renda dos trabalhadores; 6) o percentual do valor agregado industrial da Região do Grande ABC vem perdendo espaço na participação do Estado de São Paulo; 7) há uma perda do diálogo e interação entre os diferentes atores sociais da Região do Grande ABC; 8) a lógica neoliberal aplicada à gestão pública não permite que os projetos de cunho social sejam contemplados. Como consequência, verifica-se a manutenção da lógica de solução centrada nos interesses absolutistas do mercado de consumo e imobiliário, que não permite ir em busca de novas soluções.

Nesse quadro, se as ações não fugirem das lógicas eleitoral, consumista e imobiliária, a situação caminha para a piora no quadro da crise regional. É preciso que novos projetos contemplem as necessidades da sociedade civil. Essas novas soluções podem buscar vários exemplos no Brasil e no mundo, por meio do intercâmbio entre cidades e regiões, no aprendizado com os erros cometidos nos projetos que não deram certo. O sucesso desse desafio depende do resgate da interação e cooperação entre os atores sociais em discutir soluções para essas áreas industriais ociosas, superando os conflitos, para que, assim, decidam-se os novos rumos para a Região do Grande ABC, recolocando-a nos trilhos do desenvolvimento e crescimento.

## 5. REFERÊNCIAS

### 5.1. Bibliografia

ARCHER, François (2010). Os novos princípios do urbanismo. São Paulo: Romano Guerra.

HOBBSAWN, Eric J (2015). A era dos extremos – o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras.

KLINK, Jeroen J (2001). A cidade-região: Regionalismo e reestruturação no grande ABC Paulista. Rio de Janeiro: DP&A Editora.

MORO JUNIOR, Enio (2007). A redenção inexistente nos planos urbanísticos municipais: o caso do Projeto Eixo Tamanduatehy. Annablume.

### 5.2. Fontes Eletrônicas

BRMALLS (2019). Sobre o São Bernardo Plaza Shopping. <https://www.shoppingsaobernardoplaza.com.br/sobre> (Acesso: 30/10/2019).

CONCEIÇÃO, Jefferson José da (2006). Quando o apito da fábrica silencia: atores sociais diante da reestruturação do parque industrial da Região do ABC. Tese (Doutoramento em Sociologia). Universidade de São Paulo, USP, São Paulo. <http://blogjeffdac.blogspot.com.br/search/label/TESE%20DE%20DOUTORAMENTO> (Acesso: 01/11/2019).

CONCEIÇÃO, Jefferson J. e YAMAUCHI, Gisele (2018). O valor adicionado da indústria do Grande ABC Paulista e a atual retração cíclica da economia. *In: Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Carta de Conjuntura*, ed. 2, mai., 2018. <http://noticias.uscs.edu.br/uscs-lanca-2a-carta-de-conjuntura/> (Acesso: 20/11/2019).

EMPRESA PAULISTA DE PLANEJAMENTO METROPOLITANO S/A (EMPLASA). Atlas de Uso e Ocupação do Solo do Município de Mauá. São Paulo: EMLASA, 2006. Disponível em: <[http://https://emplasa.sp.gov.br/Cms\\_Data/Sites/EmplasaDev/Files/Documentos/Cartografia/Atlas/RMSP/Atlas\\_Maua.pdf](http://https://emplasa.sp.gov.br/Cms_Data/Sites/EmplasaDev/Files/Documentos/Cartografia/Atlas/RMSP/Atlas_Maua.pdf)> (Acesso em: 20.jul.2020).

FERREIRA, Josué Catharino (2013). As alterações na estrutura industrial de Santo André (1975-2013). Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais). Universidade Federal do ABC, UFABC, Santo André. <http://www.academia.edu/download/37905834/DISSERTACAO.pdf> (Acesso: 16/11/2019).

KLINK, Jeroen J (2009). Novas governanças para as áreas metropolitanas. O panorama internacional e as perspectivas para o caso brasileiro. *Cadernos Metrôpole*, v. 11, n. 22, 2009. <http://www.redalyc.org/html/4028/402837806006/> (Acesso: 10/11/2019).

MARICATO, Ermínia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 21-33, out. 2000. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-8839200000400004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-8839200000400004&lng=en&nrm=iso) (Acesso: 28/10/2019).

MOUSSA, Amer N (2005). O Rio Tamanduateí e o desenho urbano. Monografia (Disciplina de AUP 272). São Paulo, Universidade de São Paulo.

[http://www.fau.usp.br/cursos/graduacao/arq\\_urbanismo/disciplinas/aup0272/6t-alun/2005/m4-moussa/index.html](http://www.fau.usp.br/cursos/graduacao/arq_urbanismo/disciplinas/aup0272/6t-alun/2005/m4-moussa/index.html) (Acesso: 07/11/2019).

MULTIPLAN (2019). O Shopping – o projeto arquitetônico. <https://www.parkshoppingsaocaetano.com.br/o-shopping> (Acesso: 29/10/2019).

OLIVEIRA, Henry dos Santos (2015). A (des)construção de uma nova centralidade: Cidade Tognato em São Bernardo do Campo. (Dissertação de Mestrado) Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/382> (Acesso: 07/11/2019).

SAKATA, Margarida Nobue (2009). Novos instrumentos de gestão urbana e regional: Santo André e o caso do projeto eixo Tamandateí. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, n. 25, p. 186-199. <http://www.periodicos.usp.br/posfau/article/view/43615/47237> (Acesso: 12/11/2019).

TEIXEIRA, Aparecida Netto (2010). A produção do espaço público no projeto urbano Eixo Tamandatehy (Santo André, SP). *Arquitextos* (São Paulo), 122.04, n. 11, jul. 2010. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.122/3483> (Acesso: 31/11/2019).

TOURINHO, Andréa de Oliveira e YAMAUCHI, Gisele (2019). Áreas industriais degradadas na Região do Grande ABC Paulista – Velhos problemas, novas ideias. *Anais XVIII ENANPUR 2019*. Natal, UFRN. <http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=833> (Acesso: 31/11/2019).